

**Memórias.** Um ano após a polémica, chega às livrarias nacionais 'Descascando a Cebola', autobiografia da juventude de Günther Grass, onde o Nobel confessa um passado ligado ao nazismo

# DORES E CULPAS DE GÜNTHER GRASS

O livro está disponível dia 17 em português

ISABEL LUCAS

Difícil escrever na primeira pessoa quando se fala de alguém que ficou atrás, no tempo, um rapaz de 12 anos, que aconteceu ter o mesmo nome do homem de quase 80 que agora escreve sobre esse outro que ele foi. Daí a frase de arranque do livro que é a memória do homem adulto que olha para a criança e dela espera respostas: "Hoje, como ontem, permanece sedutora a tentação de nos encapotarmos na terceira pessoa."

A terceira pessoa seria um escudo. Foi sempre nele que Günther Grass, o escritor, se refugiou para expiar a culpa do seu povo. Deixou-o para expiar a sua culpa pessoal e revela-se no "eu". *Descascando a Cebola, autobiografia 1939-1959* (Casa das Letras) é um exercício de perguntas e respostas do qual resulta o auto-retrato possível de alguém que sempre pensou por imagens, como aliás, aqui confessa. Disponível nas livrarias a partir do próximo dia 17, segunda-feira, a edição portuguesa surge um ano depois do original em alemão. Um ano depois

de Grass ter sido condenado e desculpabilizado por causa de uma confissão. A de se ter alistado nas *Waffen-SS*, as tropas especiais do III Reich. Uma revelação calada durante 60 anos - "porque me fiz estúpido infantilmente", escreve - e que quando saiu causou um ruído proporcional ao tempo de silêncio. Um estrondo ainda maior do que aquele que o escritor diz ter sentido nos próprios ouvidos ao "descascar a cebola".

É um episódio da sua vida que não tenta desculpar e que inclui entre os muitos que compõem o seu percurso de juventude. Um entre os muitos que surgem, enquanto descasca a tal cebola, aqui metáfora da memória. "A ce-

**O escritor deixou a terceira pessoa para se ver no retrovisor**

bola tem muitas camadas. Existem em maioria. Mal é descascada, renova-se. Cortada, provoca lágrimas. Só ao descascá-la fala a verdade. O que aconteceu antes e depois do fim da minha infância, bate à porta com factos e decorreu pior do que o desejado, quer ser contado às vezes assim, outras de maneira diferente e desencaminha para memórias de mentira."

Materia tão nebulosa quanto dolorosa, haveria de dizer numa conversa com jornalistas portugueses no Inverno passado, aquando da inauguração de uma exposição de gravuras suas no Goethe Institut de Lisboa. Porque Grass quis primeiro que tudo ser artista. Pintor. E este livro também fala disso, do modo como conheceu os grandes nomes da pintura numa colecção de caixas de fósforos.

Ele, que "engolia perguntas" e lia todos os livros da biblioteca da mãe, se preocupava mais com as vítimas da História do que com as da sua actualidade. Ele que gostava do "jogo de adivinhas doméstico", com a mãe; que tinha 5 a História de Arte e era sofrível a Matemática. "Uma palavra puxa a outra", diz. Vai da culpa às dividas que ajuda a cobrar aos clientes do estabelecimento da mãe. Sempre a mãe, a quem prometeu tudo quando um dia fosse rico. Ela que o ensinou a crer em Deus antes de acreditar no Führer, e muito antes de saber que seria um homem sem fé. É Grass como ele se vê ao retrovisor. A imagem é dele. ■

## perfil

GÜNTHER WILHELM GRASS

- Nasceu a 16 de Outubro de 1927, em Danzig (ex-Alemanha) e actual Gdansk (Polónia)
- Vive em Berlim desde 1960
- Em 1999 venceu o Prémio Nobel da Literatura

**O Tambor, romance de 1959, continua a ser uma das obras mais emblemáticas de um escritor que fez da expiação da culpa colectiva e da História de um povo tema de uma obra em que sempre manifestou a sua posição política de esquerda.**

## A MEMÓRIA SEGUNDO GRASS

“É possível que o medo de uma resposta que pusesse tudo de pernas para o ar me tivesse emudecido? [...] Por isso escrevo sobre a desonra, e a vergonha que manqueja atrás dela.

“O que aconteceu antes e depois do fim da minha infância, bate à porta com factos e decorreu pior do que o desejado, quer ser contado às vezes assim, outras de maneira diferente e desencaminha para histórias de mentira



Grass sempre se manifestou um antinazi

“... eu calei-me. Mas como muitos se calaram, é grande a tentação de nos abstrairmos totalmente das nossas falhas, denunciando em alternativa a culpa colectiva ou falando de nós, imprópriamente, na terceira pessoa...

“... o rapaz com o meu nome tornou-se, de forma inteiramente voluntária, membro da Mocidade Hitleriana, uma organização de base da Juventude Hitleriana. Chamavam-nos 'piolinhos' ou também 'lobitos' [...] Participei sem fazer perguntas...

“Assim que convoco o rapaz de então, que eu fui aos treze anos, o submeto a rigoroso interrogatório e sinto a tentação de julgá-lo como a um estranho [...], vejo um garoto de calções e meias até aos joelhos [...] Ele esquiava-se para não ser julgado, condenado. Refugia-se no colo da mãe. Exclama: 'Mas eu era só uma criança, só uma criança'.

## A confissão que dividiu o mundo das letras

**Condenação.** Há um ano houve quem exigisse que a Academia Sueca retirasse o Nobel a Günther Grass

A polémica estalou há cerca de um ano. Num entrevista ao jornal *Frankfurter Allgemeine Zeitung* a propósito da publicação do seu livro de memórias, o escritor Günther Grass assumiu ter pertencido às *Waffen-SS* durante meses da II Guerra Mundial, os que precederam a queda do III Reich. Tinha então 17 anos.

A confissão provocou um turbilhão de comentários que ultrapassou o universo literário. As vozes que se levantaram para julgar um homem a condenação do Holocausto e à defesa dos ideais de esquerda foram as que primeiro se escutaram, havendo quem exigisse que o escritor restituísse de imediato o Nobel da Literatura que lhe fora atribuído em 1999 pela Academia Sueca. Um desses críticos, que mais tarde viria a recuar na sua posição, foi o ex-presidente da Polónia, Lech Walesa, que lhe dera em tempos a medalha de ouro da cidade de Gdansk, ex-Danzig, terra natal de Grass.

O livro de memórias de Günther Grass, *Descascando a Cebola*, passava, de modo surpreendente, a protagonista em muitos jornais por todo o mundo e houve quem visse na declaração do escritor nada mais que um meio de promover uma obra. Um ano depois, esfriada a polémica, chegam as traduções e os seus defensores são agora quem mais se ouve. No artigo *Günther Grass e os seus juizes* (*El País*) o escritor espanhol Juan Goytisolo, a propósito do que chama a tentação de condenar, escreve: "Todos administramos melhor ou pior as próprias memórias e as situações difíceis que a vida nos coloca. [...] Hoje penso que toda a verdade confessa não é nem mais nem menos do que uma ocultação derrotada."

## Uma entrevista antecipou a polémica



**Günther Grass**

Descascando a Cebola  
Casa das Letras  
378 páginas

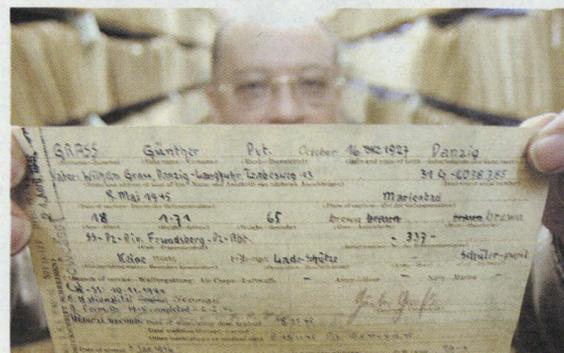


## A 'minha' metáfora preferida

Mas que fixação é esta, de Günther Grass, pela cebola? Ou, como escreve o escritor norte-americano John Irving num artigo publicado no último número do suplemento espanhol *Babelia* (*El País*), "o que se passa com tanta cebola?" É que o vegetal que dá nome às memórias de Grass vai repetindo aparições numa obra com cerca de 25 títulos. E sempre usada como metáfora. De dor, de expiação... Primeiro foi em *O Tambor*

(1959), romance que trata precisamente a culpa de um povo na Alemanha do pós-Guerra através da recusa de um rapaz em crescer. Um rapaz, Oskar Matzerath, tocador de tambor, único que chora num clube nocturno sem o truque de descascar cebolas. Para chorar, basta-lhe tocar o seu tambor e lembrar as vítimas. A cebola que provoca a lágrima, a catarse, metáfora do sentimento de culpa de um país, sublinhará ainda Irving,

A cebola que volta em *O Gato e o Rato*, segundo romance de Grass, novamente enquanto símbolo de culpa, agora com o seu cheiro. Ali, o protagonista, Mahlke, interroga-se se ao molhar as teclas da sua máquina de escrever conseguirá transmitir melhor, no conteúdo do que escreve, o cheiro que contaminou a Alemanha nos anos da guerra, o odor dos cadáveres que se "apoderava de tudo." Agora, a cebola regressa numa culpa pessoal.



**Cademeta militar de Grass nas Waffen-SS. "Para ativar a culpa dos rapazes e por isso também a minha, nem sequer se pode dizer: Ali-ciam-nos! Não, nós deixámo-nos, eu deixei-me aliciar" - Günther Grass**